



revista de
POLVOREIRA

GUIMARÃES

passado

presente

futuro

AGOSTO 2020

Número: 32

REVISTA MENSAL DA JUNTA DE FREGUESIA DE POLVOREIRA





Importância da solidariedade em Tempos de crise

Se há coisa para que a pandemia da covid-19 nos despertou foi para a importância da solidariedade. Se, normalmente, a solidariedade social já se revestia de grande importância, em tempos de crise, seja de que tipo for, a sua aplicabilidade e abrangência são o barómetro que mais distingue os povos.

A solidariedade é uma maneira da sociedade participar das mudanças que precisam ser feitas no mundo. A ideia é que, se cada um fizer a sua parte, por menor que ela seja, podemos juntos ajudar a reduzir as vulnerabilidades às quais estão sujeitos os portugueses e portuguesas empurrados por esta crise para a pobreza, que vivem com fome, sem alguém com quem possam contar e, mesmo, sem um teto.

Fazendo isso, ajudamos a criar uma sociedade mais justa e mais segura para todos nós. Ser solidário não exige, necessariamente, um esforço desmesurado. Ao contrário, qualquer acto conta, e muito.

A crise pandémica veio dar visibilidade à desigualdade e às fragilidades que, embora existissem, agora tornaram-se mais visíveis, como são exemplo disso os grupos mais vulneráveis, desde os precários, passando pelos cuidadores informais, pelos que sobrevivem através dos "biscates" ou, como se diz na gíria, em economia paralela, mas também por todos aqueles que, mesmo não sendo precário o seu contrato de trabalho, devido ao seu baixo valor, são fortemente atingidos e atirados para uma situação de "calamidade social".

Os apoios temporários, como o apoio aos agregados familiares que tiveram que ficar em casa para apoio a filhos menores de 12 anos, o layoff simplificado com o intuito de proteger emprego e salários, ou mesmo a prestação social para o isolamento profilático que, neste caso, deveria ir mais além.

Um trabalhador a quem tenha sido confirmado teste positivo para covid-19, é injusto que para proteção de toda uma sociedade, esse trabalhador seja colocado em isolamento profilático, que pode chegar a 4, 6 ou mais semanas, mesmo assintomático, e veja os seus rendimentos diminuídos para 55%, pagos pelo sistema contributivo dos trabalhadores, quando era de elementar justiça que o seu rendimento fosse assegurado a 100% por toda a sociedade, ou seja, pelo orçamento de estado.



O VÍRUS NÃO TIRA FÉRIAS.



- USE MÁSCARA
- LAVE FREQUENTEMENTE AS MÃOS
- MANTENHA A ETIQUETA RESPIRATÓRIA
- MANTENHA O DISTÂNCIAMENTO SOCIAL
- EVITE AGLOMERAÇÕES
- ADOTE UM COMPORTAMENTO PREVENTIVO
- SEJA UM AGENTE DE SAÚDE PÚBLICA



Estamos a Recrutar

- Trochas
- Pedreiros
- Encarregados
- Chefes de Equipa
- Motoristas
- Manobreadores
- Serventes

Para se candidatar: candidaturas@mca-grupo.com ou: 913 891 566





Carlos Alberto Oliveira
Presidente da Junta de Freguesia de Polvoreira

ÍNDICE

Nº 32 AGOSTO 2020



04 e 05

Padre Isaac

O Grande Objectivo:
Ser sacerdote.
A viagem para Macau



06 e 07

Associativismo

Actividade das nossas Associações
Em tempos de Pandemia



08

Nicolau Copérnico

quantums e átomos



09

«AGORA, É A MINHA MÃE DE ANTIGAMENTE»

O que mudou na vida de Carlota Costa



10 e 11

Escola de Polvoreira

Crónicas de,
Alexandre Homem Cristo
e Sara Oliveira Freitas.



12 e 13

Da nossa janela... Cidadania

Uma vida dedicada à Paróquia



14

Diário de Teresa Gil

por, Nuno A.P.O.E. de Abreu

Teresa de Leão,
Rainha de Portugal

EDITORIAL

A soberania popular teve início, em Portugal, há duzentos anos, completados no dia 24 do mês em curso.

Na verdade foi, em 24 de agosto de 1820, que, pela madrugada, um grupo de militares se perfilou na, hoje, Praça da República, onde assistiram à missa, finda a qual, com uma salva de artilharia assinalaram a Revolta Liberal do Porto, com um objectivo proclamado: "Portuenses! Levar a redenção aos cativos lisboenses".

Depois de uma reunião na Câmara Municipal, onde constituíram a "Junta Provisional do Governo Supremo do Reino", exigiram a convocação das Cortes para elaboração de uma Constituição que consagrasse os direitos fundamentais de todos os portugueses.

Essa Constituição foi aprovada, em 1822, e constitui um marco na aquisição do núcleo fundamental dos direitos de cidadania, ainda hoje vigentes em Portugal.

Aí, pela primeira vez, se define, numa lei, o conceito de liberdade. Segundo o artigo 2º da Constituição, "A liberdade consiste em não serem obrigados a fazer o que a lei não manda, nem a deixar de fazer o que ela não proíbe".

Aí se concede o direito fundamental à liberdade de pensamento e à sua publicitação. Segundo o artigo 7º, "A livre comunicação dos pensamentos é um dos mais preciosos direitos do homem".

Aí se confirma o direito de cidadania. Segundo o artigo 21º, "Todos os Portugueses são cidadãos, e gozam desta qualidade".

Mas, para além destes direitos individuais que representavam a entrada num mundo novo, saído da idade medieval, que colocava no centro das atenções o ser humano independentemente da sua origem social a constituição, de 1822, **consagrou o poder autárquico.**

Na verdade, foi expressamente consagrado nos normativos legais que estruturavam o governo do Reino que, nos termos do artigo 218º da Constituição, "O Governo económico e municipal dos concelhos residirá nas Câmaras, que o exercerão na conformidade das leis".

Nos artigos seguintes, definem-se as competências camarárias, entre elas, a de "Cuidar das escolas de primeiras letras e de outros estabelecimentos de educação, que forem pagos pelos rendimentos públicos, e bem assim dos Hospitais, Casas de Expostos, e outros estabelecimentos de beneficência, com as excepções e pela forma que as leis determinarem!"

É importante recordar que alguns dos princípios administrativos estabelecidos numa Lei, com 198 anos, são hoje postos em causa. Facto surpreendente se constatarmos que os mesmos tem uma vigência de quase dois séculos!

Imagem da capa: excerto da Alegoria à Constituição representando Gomes Freire



DIRECÇÃO Nuno M. P. de Abreu - @: nunodoraso@gmail.com
REDACÇÃO: A do Ribeiro do Pinto, António Gomes, Nuno A Pereira, C. Mota Reis, Maria A. de Portugal, Maria C. Gomes, P. Torres, Maria Carolina L. da Silva



DIRECÇÃO ARTÍSTICA Carlos M. P. de Abreu - @: c.miguel.abreu@gmail.com
IMPRESSÃO E ACABAMENTO - costagustreiro,lda - Penselo, Guimarães
EMAIL: revistapolvoreira@gmail.com



PROPRIEDADE E EDIÇÃO: Junta de Freguesia de Polvoreira, com sede na Rua do Formigoso, n.º 103, 4835 - 168, Telefones: 253 523 896; 253 557 128. Publicação periódica isenta de registo na ERC, ao abrigo da alínea b) do n.º 1 do artigo 12.º do Decreto Regulamentar n.º 8/99, de 9 de Junho, com as alterações introduzidas pelo Decreto Regulamentar n.º 2/2009, de 27 de Janeiro.



O Padre Isaac parte V

Um ano em Bragança na Luta pelo Grande Objectivo: Ser Sacerdote

Nesta já bem conhecida pequena biografia que temos vindo a publicar sobre o Padre Isaac, ficamos, no mês passado, com a saliva a intensificar-se-nos na boca quando o deixamos a comer uma posta de *bacalhau com todos*, na estação do Tua, a caminho de Bragança.

Hoje, vamos recordar o ano lectivo de 54/55 do Padre Isaac, em Bragança, uma espécie de antecâmara de uma nova vida, necessária para prosseguir no rumo que obstinadamente definiu para si: ser sacerdote. Afinal, só ele, um jovem já com dezoito anos, sabia se tinha ou não vocação, se queria ou não ser padre e não poderia ser outrem a defini-lo por ele.

Naturalmente, a revolta contra a injustiça de ter sido mandado embora do seminário, assim, sem mais nem menos, mantinha-se viva no seu subconsciente. E agravou-se facilmente ao confrontar dois comportamentos tão distintos: o do Reitor do Seminário de Santiago e o do Reitor do Seminário de Bragança.

"O Reitor do Seminário de Bragança era um homem bom: não se fazia temer, fazia-se amar. Sabendo que ia para Macau no ano lectivo seguinte, quis despedir-se de mim. Informou-me que passaria pelo apeadeiro de Mouquim, a caminho de umas termas, e esperava que eu estivesse naquele apeadeiro para se despedir. Eu, feliz, lá estava, esperando por ele. Deu-me um abraço e disse-me estas palavras: - Vai com Deus. Só quero ouvir dizer bem de ti."

Comoveu-me aquela atitude. Nunca mais o vi. Mas, hoje, todos os dias, lhe rezo pela alma."

Aquela diferença de comportamento marcou-o para a vida. Quando o Cónego Luciano lhe disse que se queria despedir dele, antes de ir embora do Seminário, procurou sair quando ele estava ausente, evitando, portanto, cruzar-se com ele. Quando o Reitor do Seminário de Bragança lhe disse o mesmo, não se importou de ter de percorrer cerca de dois quilómetros e meio a pé, preocupou-se com a hora do comboio, preocupou-se em chegar com antecedência, para poder receber um abraço de despedida.

Já sacerdote, o Padre Isaac viu o Cónego Luciano por duas vezes. Uma, quando se preparava para celebrar a Missa de Matrimónio dum casal conterrâneo que ainda hoje está vivo. A outra, num retiro no antigo Centro Apostólico do Sameiro. Neste, o quarto do antigo reitor ficava quase em frente do seu. Soube que já estava doente com a diabetes que lhe afectara a visão. Talvez nem o reconhecesse. Não falaram. Não o confrontou. Não desejava melindrá-lo. E hoje, ao recordá-lo, procura lembrar-se das palavras que Jesus nos ensinou para pedir ao Pai: "Perdoai-nos as nossas ofensas assim como nós perdoamos" Uma oração comum a todos os homens pois não existe um só que não tenha cometido faltas.

Esqueçamos definitivamente o Cónego Luciano e relembremos o "ano sabático" do Padre Isaac, em Bragança.

O número de alunos era menor. Fazia muito frio no Inverno e muito calor no verão, pelo menos naquele ano. Davam passeios até ao rio Sabor; viam jumentos carregados de carqueja a caminho da cidade. Internamente, a disciplina não tinha o rigor do seminário de Santiago, mas era a costumeira dos seminários: orações de manhã e de tarde, estudos e recreios. Recordava-se, pela novidade, das aulas de urbanidade e civilidade, as quais apelidavam de aulas das carapuças e das aulas de ginástica dada por um sargento. Recordava, com saudade, os jogos de futebol entre cursos disputados no campo de futebol do Bragança, então pelado, e das danças de pauliteiros que os alunos oriundos de Miranda por vezes executavam.

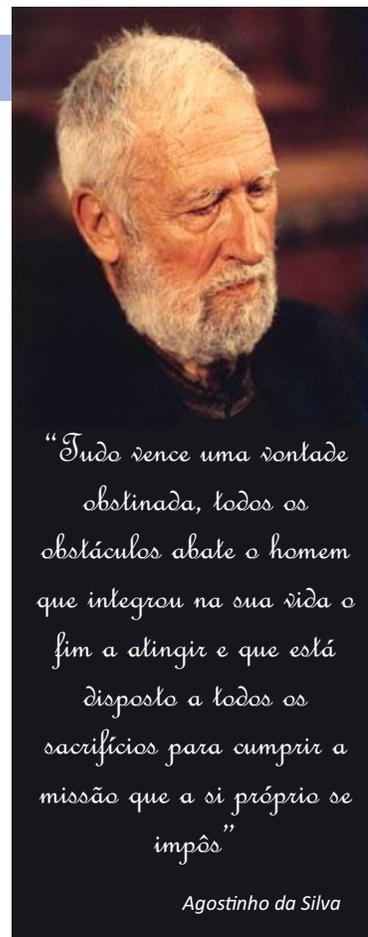


As dansas dos pauliteiros de Miranda

Tem ainda, o Padre Isaac, uma recordação gostosa daqueles tempos bragantinos. Um professor, Telo Afonso, reconhecendo nele uma propensão para a escrita, incentivou-o a praticá-la. E o Padre Isaac iniciou aí a sua vertente de cronista: escreveu algumas crónicas semanais que seriam publicadas no Jornal de Famalicão que ainda hoje é editado.

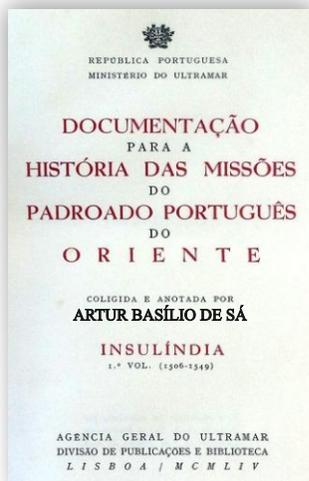
Mas aconteceu, em Bragança, uma coincidência que só o destino divino pode explicar. Estava-se em meados ou fins de 3º período, quando se realizou no Seminário de Bragança uma conferência protagonizada pelo Padre Afonso. O Padre Afonso estava a trabalhar na Diocese de Díli, em Timor, única naquele tempo, naquele território, e encontrava-se a gozar licença graciosa, em Trás-os-Montes, sua terra natal. Talvez fosse ali no intuito de angariar vocações para a diocese onde trabalhava. Disse maravilhas sobre Timor e das suas gentes o que aguçou ainda mais a curiosidade do Padre Isaac e o desejo de conhecer essa terra dita tão maravilhosa.

Pois bem. Quando o Padre Isaac embarca no "Timor", rumo a Macau, no mesmo paquete embarca o Padre Afonso, rumo a Timor. Será cerca de mês e meio de viagem, vivendo diversas peripécias juntos. Mas disso daremos conta na página seguinte.



*"Tudo vence uma vontade
obstinada, todos os
obstáculos abate o homem
que integrou na sua vida o
fim a atingir e que está
disposto a todos os
sacrifícios para cumprir a
missão que a si próprio se
impôs"*

Agostinho da Silva



Depois de um ano passado no seminário de Bragança, recebeu o Padre Isaac, durante as férias de Verão, uma carta de Artur Basílio de Sá, sacerdote, autor de várias publicações sobre o Padroado Português do Oriente e delegado, em Portugal, da Diocese de Dili-Timor. Nela o informava das várias vacinas que teria de tomar, antes de embarcar para Macau.



A Viagem para Macau no Paquete «Timor»

Foi um momento de tensão no seio da família. O pai não era da opinião que o jovem Isaac partisse lá para "cascos de rolha", na expressão popular que usava. A mãe não se opunha, embora lhe custasse muito, como era fácil de imaginar. O Padre Isaac insistiu e lá tomou as vacinas elencadas.

Tempos mais tarde, numa outra carta, o Padre Basílio de Sá, indicava o dia em que deveria estar em Lisboa, aguardando o embarque. Não havia propriamente uma data fixada. Seria, mais semana menos semana, conforme demorasse o abastecimento do paquete "Timor" onde embarcariam.

A família decidiu alugar um carro e partir, com três dias de antecedência. E começou aí uma grande aventura, um tempo de aprendizagem, um tempo de reconhecimento de um país e de um mundo que o jovem Isaac, então, desconhecia.

Nesta viagem foi devidamente acompanhado pelo seu pároco, afinal o seu porto de abrigo, pela sempre presente mãe e pelo irmão. O primeiro destino foi o Centro de Formação Militar e Técnica da Força Aérea (CFMTFA), na OTA, onde exercia a sua actividade um piloto aviador, natural de Nine, conhecido da família.

Aquele piloto, passava diversas vezes pela sua terra natal, talvez em voos de treino, onde procurava voar baixo provavelmente para impressionar as pessoas da sua terra. Foram ali maravilhosamente recebidos. Almoçaram na cantina do Centro de Aviação um grão de bico que o Padre Isaac jamais esqueceu. Embora não fosse, então, um grande apreciador daquela leguminosa, a partir daí o Padre Isaac passou a degustá-lo uma vez por semana, ao sábado.

O piloto, simpático, pediu licença ao seu superior e acompanhou a família, no seu próprio carro, até Lisboa. Aí chegados, indicou-lhes uma pensão onde ficariam e partiu rumo ao seu destino. Nunca mais o viu embora tivesse tomado conhecimento que enveredara pela aviação civil.

Aqueles dias, em Lisboa, à espera do embarque, foram inesquecíveis. Desde logo, um amigo do pároco, residente em Lisboa, convidou o grupo a visitar o jardim zoológico. Mais tarde, após um encontro com o Padre Basílio de Sá, o Padre Isaac ficou a saber que aguardaria pelo embarque na casa da irmã e do cunhado. Era o momento de despedida da família. Ninguém chorou, embora todos sabendo que se não iriam ver tão cedo, se é que se tornariam a ver alguma vez mais.

Na casa da irmã do Padre Basílio de Sá, já vivia um seminarista açoriano, muito castiço, natural da ilha de S. Miguel. Iria com o jovem Isaac para Macau. Enquanto esperavam o embarque, após o pequeno almoço, saíam os dois, percorrendo vários locais da capital. De tarde faziam o mesmo, até à hora de jantar. Os dois visitaram a Torre de Belém, o Museu dos Coches, o Campo Pequeno, onde se realizavam as touradas. Chegaram mesmo a deslocarem-se até ao aeroporto, na companhia da irmã de Basílio de Sá, para esperar um grupo de ex-seminaristas que haviam deixado o seminário de Macau.

E, passados 4 ou 5 dias, embarcaram no paquete "Timor", afinal o nome daquela ilha longínqua do Oriente, que seria um dos seus destinos. Entrou no barco com os seus poucos pertences e o pouco dinheiro que sua mãe sacrificadamente lhe dera. Faziam a mesma viagem muitos funcionários que iam para Macau ou para Timor e uma companhia de militares que ficariam na Índia. Talvez por isso, inúmeras pessoas no cais, acenavam as mãos levantando os braços. Ouviram-se três apitos demorados, e o paquete, lentamente, iniciou a viagem afastando-se cada vez mais de terra em direcção ao mar. Daí a algumas horas, só se via mar e céu...

O Jovem Isaac teve direito a um camarote onde, para além do seu, existiam beliches desocupados. Tinha quarto de banho privativo. Pode dizer-se que ficou muito bem instalado.

Levado pela curiosidade, procurou conhecer todos os compartimentos do barco. Um vivência demorada com as mesmas pessoas, frequentando sempre os mesmos lugares, facilitava o travar de conhecimentos e a fácil sociabilidade, quer motivada pelas mesmas ideias, quer por objectivos semelhantes. Por exemplo, nessa viagem, regressava a Timor um irmão leigo salesiano. O Padre Isaac conversou muito com ele. Falaram daquela terra, de jibóias, jacarés e da maneira de os matar. Tinha-se de acertar nos olhos - dizia-lhe o salesiano. Se a bala acertasse na pele apenas, resvalaria e não lhe causaria perda. Isaac, que era um bom jogador de damas, aprendeu com ele a jogar xadrez, um jogo de estratégia de tabuleiro bem mais evoluído. Mas das peripécias da viagem daremos conta no próximo mês.

António Gomes



Associativismo

Os Lares Centros de vida ou de morte?

Desde o início da pandemia até 19 de Agosto, das 1.786 mortes registadas por Covid-19, em Portugal, cerca de 40%, foram de pessoas que tinham morada em lares, segundo informação da própria ministra da Saúde, Marta Temido.

Todavia muitos dos utentes desses lares, sublinhou a ministra, morreram, não nas estruturas residenciais para pessoas idosas, mas nos hospitais.

A concentração de casos de Covid-19 em lares e o elevado número de mortos não é naturalmente uma especificidade portuguesa, mas os relatos dos casos dos lares de Reguengos e Mora puseram a nu as fragilidades do nosso sistema de protecção dos mais idosos.

"A confirmarem-se as alegações da auditoria da Ordem dos Médicos, desidratação dos idosos, falhas sérias na medicação, etc. o primeiro responsável só pode ser a Instituição que providencia os serviços - a Fundação - e o segundo quem tem a responsabilidade de a financiar, apoiar e fiscalizar a prestação desse serviço - o Estado" - como bem afirma Paulo Trigo Pereira, deputado independente, eleito nas listas do PS, na Assembleia da República.

Entretanto, António Costa e o Sindicato Independente dos Médicos - e mesmo a Ordem dos Médicos - entram em rota de colisão. O primeiro, afirma que "As ordens profissionais existem para regular o exercício da atividade dos seus profissionais, ponto. Não existem para fiscalizar o Estado". A Ordem dos Médicos vem informar que "é o próprio Ministério da Saúde a pedir à Ordem que faça auditorias, pois é quem tem total capacidade técnica para avaliar atos médicos". O PS considera falsas e indecorosas afirmações do Sindicato Independente dos Médicos e diz em off que "são cobardes". Este Sindicato exige que António Costa se retrate.

E enquanto o debate atinge o auge da indignação, de parte a parte, os problemas fundamentais dos nossos idosos, essencialmente um fim de vida digno, são colocados de lado.

Na verdade, o problema essencial é a não escrutinação das condições desses lares onde vivem os nossos idosos, muitos deles em condições do total falta de respeito pela vida humana que eles consubstanciam.

Desde logo porque, para as cerca de 2500 estruturas residenciais dedicadas a acolher idosos, existem **3500 lares em situação ilegal ou mesmo clandestina**.

"Aquilo que falta nesta área é, antes do mais, informação regular e atualizada. O que se está a pedir agora, por causa do Covid-19 - número de residentes, trabalhadores (médicos, enfermeiros, e outros profissionais), etc. - deveria ser uma informação que a Segurança Social deveria recolher e tornar pública num portal para se poder avaliar quantitativamente o que se passa nestas estruturas residenciais"- continua, Paulo Trigo Pereira.

Aquilo que falta é o conhecimento público das condições financeiras de acesso aos Lares, do seu modo de financiamento, dos percursos do dinheiro que os alimenta. E isto porque muitos dos lares legais, como refere o relatório do Lar de Reguengos, são dirigidos por estruturas políticas ou religiosas fora de escrutínio, que se aproveitam ignominiosamente da fragilidade e das necessidades dos nossos idosos.

Há que abrir portas, arejar os espaços, de modo a correr de vez desses recantos que deveriam ser para nós sagrados, aqueles que farisaicamente juraram solenemente servir o próximo e descaradamente se aproveitam da fragilidade dos outros para impunemente deles se servirem e com isso poderem viver uma vida provocadoramente faustosa!



O Lar do Centro Social de Polvoreira em tempo de Pandemia



BOM - FIM - DE - SEMANA!



A par das Notícias



Desmistificando o "bicho"...



Bom apetite...



rubrica

associativismo

A importância do movimento escutista na evangelização cristã de Portugal e de Polvoreira



O Corpo Nacional de Escutas (CNE) é a maior organização de juventude de Portugal, não só pelo número, mas também pelas atividades e encontros que promove. Desde os seis anos - idade mínima permitida - os jovens são inseridos em ambientes que estimulam o espírito de cooperação e, sobretudo, os valores. Segundo os dados disponibilizados pelo CNE, cada voluntário dedica em média quatro horas semanais às atividades e 208 horas por ano.

No nosso país, o número de escuteiros é mais do que suficiente para encher um estádio de futebol. Em 2016 registaram-se cerca de 72 mil escuteiros.

O Agrupamento 200 de Polvoreira é um dos mais antigos do País e fazem parte integrante da sua história, pelo dinamismo que nele introduziram, o Diácono António Gomes, seu fundador, que morreu antes de ser ordenado sacerdote, o Padre Miguel Ângelo Gomes e o Padre Joaquim Guimarães que enquanto seminaristas, membros do Clã do Seminário Conciliar de Braga, refundaram o Agrupamento nos finais dos anos cinquenta, e o Padre Miguel Teixeira, actual pároco de Fermentões e que foi dirigente do CNE em Polvoreira.

São Sacerdotes que viveram e vivem o escutismo intensamente que promoveram e promovem a relação do CNE com a Igreja de que aquele movimento faz parte, porque sabem, como afirmou há anos o assistente Nacional do CNE, o Padre Rui Silva, da importância do movimento escutista na formação cristã, sendo certo, como então afirmou, que "a Igreja não possui o movimento escutista", antes "serve-se dele para a prossecução dos seus fins". "Por isso importa" - continuou - "valorizar este instrumento ao serviço da evangelização com respeito pela sua **legítima autonomia!**"



Em Setembro do ano passado, o "Digital Reflexo" publicava uma entrevista com o Chefe de Agrupamento 1259, de S. Clemente de Sande, onde lhe perguntava como nasceu aquele agrupamento. De imediato, José Crespo respondeu:

«O grande dinamizador da criação deste agrupamento foi o Padre Joaquim Guimarães, nosso assistente»



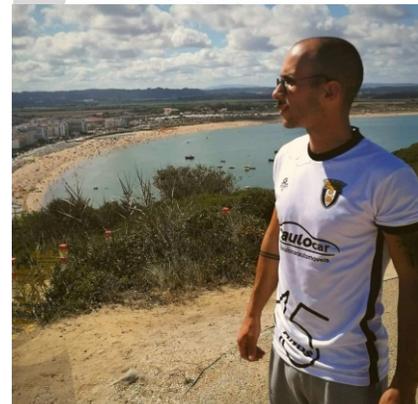
Dia 8 de Agosto
Dia de reunir toda a equipa.
A nova época tem de começar a ser preparada.



BELÉM CARVALHO
PENA AVENTURA, RIBEIRA DE PENHA
PARTILHA AS TUAS FÉRIAS CONNOSCO



CARLOS ESQUERDO
MATOSINHOS, PORTO
PARTILHA AS TUAS FÉRIAS CONNOSCO



CRISTIANO CASTRO
SÃO MARTINHO DO PORTO
PARTILHA AS TUAS FÉRIAS CONNOSCO



rubrica

dos porquês

A importância da Teoria Quântica



Ao longo do tempo da evolução humana, o homem sempre teve a tendência de se tornar dono da verdade e de a querer impor aos outros. Os grandes desastres a que as sociedade de humanos foram sujeitas, que não as provocadas pelos movimentos dos corpos celestes, tiveram origem naquela realidade.

Ora, na nossa opinião, a física quântica veio comprovar que a verdade absoluta não existe e tudo é relativo e circunstancial.

"As verdadeiras revoluções científicas, para além de ampliar os conhecimentos existentes, fazem-se também acompanhar de uma mudança nas ideias básicas sobre a realidade"- escreve Paul Davies. E cita exemplos célebres. Nicolau Copérnico, no século XVI, demonstrou que aquilo que a Igreja romana afirmava como dogma, era pura ficção. Não, não era o Sol que girava em torno da Terra que estaria imóvel no centro do Universo. Era a Terra, um planeta vulgar, que girava em torno do Sol.

Depois, o Inglês Isaac Newton, nos inícios do século XVIII, criou o conceito de espaço absoluto cuja existência seria independente da matéria e constituía a base da mecânica newtoniana.

Dois séculos mais tarde, o alemão Albert Einstein, com a sua teoria da relatividade, relativiza o conceito de espaço absoluto de Newton.

"Embora importantes, nenhuma dessas revoluções na ciência pode rivalizar com o impacto da revolução quântica" escreve o citado Paul Davies. "A Física Quântica obrigou os físicos a não só abandonarem os conceitos que tinham sobre a realidade, como a própria realidade". Daí talvez que a Física Quântica seja comumente vista como algo bizarro ou mesmo místico.

Niels Bohr, um dos criadores da Física Quântica, chegou mesmo a afirmar que só não se espanta com aquela ciência quem a não entendeu verdadeiramente.

Para se falar da Física Quântica, tem de se abordar o conceito do átomo. O átomo, como nas páginas desta revista já várias vezes foi referido, era já conhecido pelos filósofos gregos da antiguidade. Para eles, como o nome que lhe colocaram indica, átomo era uma partícula minúscula indestrutível de que era constituída toda a matéria. Ora, o objecto sobre que se debruça a Física Quântica é precisamente os fragmentos em que se decompõe aquele fragmento, antes dito "indestrutível".

Em 1909, Ernest Rutherford estabeleceu que os átomos, ditos indivisíveis, eram constituídos por um núcleo ao redor do qual giravam umas minúsculas partículas, os electrões. De certa forma, um átomo era uma espécie de sistema solar em miniatura, onde o sol seria o núcleo e os electrões os planetas. Nesta visão, os electrões seguiam trajectórias bem definidas, de tal modo que a qualquer momento seria possível determinar a sua posição e a sua velocidade.

Todavia, veio-se a comprovar mais tarde que não seguiam uma trajectória definida. Em 1911, o dinamarquês Niels Bohr, já acima referido, escreveu uma fórmula nova sobre a emissão de energia pelos átomos onde demonstrava que havia neles espaços interditos às órbitas dos electrões. Regiões inteiras onde os electrões não podiam girar. Podiam saltar de uma órbita para outra mais distante, para outra mais próxima, mas não podiam ocupar diversas órbitas intermédias. Quando tal acontecia, quando saltavam para outra órbita emitiam um "pacote" de energia bem definido a que foi posto o nome de quantum. Embora de difícil aceitação, a fórmula construída por Bohr explicava com precisão as emissões de luz pelos átomos e consequentemente acabou por se impor.

Tal conhecimento acabou de vez com a similitude entre o sistema solar e os electrões girando em torno de um núcleo de um átomo.

A partir dos anos vinte, do século passado, as órbitas dos electrões passaram a ser vistas como algo semelhante às ondas sonoras que compõem as notas de um instrumento musical. O primeiro passo dado nesse sentido surgiu em experiências nas quais um feixe de electrões atravessava um cristal e se espalhava mais ou menos como a luz ao formar o arco-íris.

O físico francês Louis de Broglie mostrou, então, que o comprimento dessas inesperadas ondas podia ser relacionado com a velocidade dos electrões. Segundo ele, os electrões em alta velocidade comportam-se como as ondas curtas e electrões de baixa velocidade como as ondas longas. Assim tornou-se possível transformar uma característica de movimentos mecânicos - a velocidade - num traço típico dos fenómenos ondulatórios, o comprimento de onda.

Erwin Schrodinger aproveitou para criar a imagem musical do átomo, mostrando que tal imagem resolvia o enigma das orbitas proibidas

Uma corda de violão produz uma nota fundamental como o mi, por exemplo, e diversas notas geralmente inaudíveis que enriquecem o som mais forte. São os chamados harmónicos, pelo menos duas vezes mais rápidos mas nunca duas vezes e meia ou três vezes e meia.

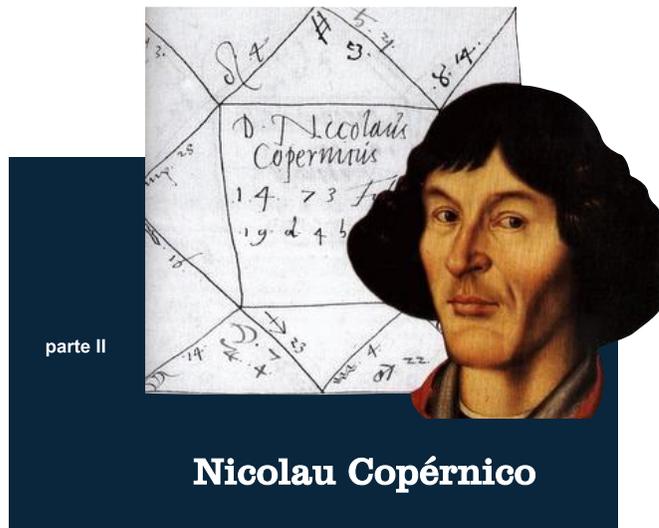
O mesmo acontece, com os electrões, nos átomos, que saltam de órbita emitindo quantuns inteiros de energia.



Broglie



Schrodinger



parte II

Nicolau Copérnico

Nuno M. P. de Abreu



rubrica

da saúde



«AGORA, É A MINHA MÃE DE ANTIGAMENTE»

Ana Costa, filha de Carlota Costa, doente de Parkinson que reside no CliHotel de Guimarães

Carlota Costa, 75 anos, reside no CliHotel de Guimarães desde 2018, onde chegou com uma mobilidade débil, resultante das comorbidades que a afetam, mas, como todos reconhecem – a própria, os familiares e os clínicos – superou todas as expectativas e ganhou “anos de vida”. «A recuperação dela deve-se à sua força de vontade, de viver e de vencer, bem como à qualidade dos serviços prestados pelo CliHotel. Está a ser muito bem acompanhada», explica Ana Costa, a filha.

A 23 de novembro de 2018, Carlota Costa, que vivia em Rio Tinto, no Porto, passou a residir, assim como o marido, no CliHotel de Guimarães. O esposo, que precisava de apoio médico permanente, acabaria por falecer em maio último. Carlota Costa, que nascera com raquitismo e toda a vida se revelou, nas palavras da filha, «uma lutadora», manifestava sinais evidentes de agravamento da doença de Parkinson, uma das muitas que a afeta. Ainda viveu um período longo em casa da filha, com o apoio de uma fisioterapeuta. O avanço da doença, porém, que lhe retirou a mobilidade e a capacidade de comer sozinha, motivou a família a escolher o CliHotel de Guimarães. Após um longo processo de seleção, o filho, enfermeiro no estrangeiro, e a filha, com uma vida profissional muito ativa, referenciaram o CliHotel de Guimarães, a 60 quilómetros de casa da mãe, como a melhor opção para lhe proporcionar cuidados especializados, na esperança de, pelo menos, retardar os efeitos negativos das suas doenças degenerativas.

Juliana Silva, fisioterapeuta do CliHotel de Guimarães, recorda os primeiros contactos com Carlota Costa: «Necessitava de apoio permanente nas atividades da vida diária. Tem diversas doenças associadas e é polimedicada. Apresentou-se em cadeira de rodas e com diversas úlceras de pressão na zona do sacro e calcâneos. Pouco colaborava nos exercícios de fisioterapia».

Carlota Costa tem, contudo, como afirma a filha, «um pedal como ninguém», «é uma mulher do Norte, uma mulher de fibra».

«Após alguns meses de fisioterapia, a dona Carlota encontra-se muito motivada e colaborante. Apresenta melhorias em todos os aspetos. Não apresenta dor na zona do sacro nem calcâneos. As úlceras de pressão estão totalmente cicatrizadas. Aumentou a força muscular para grau 4, melhorou a postura de flexão do tronco sentada e durante a marcha. Já consegue ter autonomia nas atividades da vida diária», revela, como muita satisfação, a fisioterapeuta, cuja dedicação passa por promover diversos exercícios orientados para a condição de Carlota Costa.

«Esta faz marcha nas barras com steps e no corredor com obstáculos para treino de equilíbrio dinâmico e treino de mudanças de direção. Realiza também electroestimulação neuromuscular dos quadricéps para aumento da força muscular. Faz exercícios de reforço muscular para membros inferiores, membros superiores e core abdominal, treino de equilíbrio ortostático dinâmico e bicicleta durante, pelo menos, 20 minutos», explica Juliana Silva.



«Agora, é a minha mãe de antigamente», exclama Ana Costa.

«Quando a minha mãe entrou estava completamente dependente, nem comia sozinha. Quando começou a fazer fisioterapia os resultados foram incríveis. Teve uma evolução extraordinária. A empatia que a minha mãe criou com os colaboradores do CliHotel é muito importante. Vão lá falar com ela e obrigam-na a falar, estou muito agradecida. Eu ligo 10 vezes por dia e vejo o que se passa, a interação da minha mãe com os colaboradores é fenomenal. Faço videochamadas e a minha mãe ajuda o meu filho de 5 anos a fazer os trabalhos escolares», rejubila a filha.

«O principal motivo da boa recuperação da dona Carlota Costa é a sua motivação. Para tal, foi necessário identificar o que a motivava e prejudicava na sessão de fisioterapia e meio envolvente. É grande o seu desejo de caminhar, como já acontece, sem ajuda de terceiros e ser autónoma na sua vida diária, bem como de ter uma fisioterapia que a coloca à prova todos os dias, com exercícios criativos e com progressão no número de repetições e dificuldade dos exercícios propostos. Portanto uma fisioterapia diferenciada e ajustada a cada pessoa é crucial», explica Juliana Costa.

A opinião da fisioterapeuta é corroborada por Ana Costa: «De facto, ao longo da vida, a minha mãe sempre gostou de aprender, pesquisar. Tem uma bagagem substancial que o Parkinson ainda não abala muito. Gosta de escrever cartas e fazer contas, mas como é cega de um olho e no outro tem cataratas, não a podemos deixar forçar muito. Tem um telemóvel novo e adora explorar todas as funcionalidades».

A força de vontade tem permitido a Carlota Costa uma resiliência única ao longo da vida. «É uma lutadora desde pequenina», revela Ana Costa.

Apesar do raquitismo, que a debilita desde a nascença e que ameaçou a possibilidade de ser mãe, e dos problemas cardíacos que sempre a afetaram, trabalhou no campo em criança; emigrou para África aos 25 anos; fez um curso de inglês e tirou a carta de carro e mota; lutou por um emprego no antigo Centro de Histocompatibilidade do Norte no regresso a Portugal após os 25 de Abril; e fez salgados e bolos para sustentar a família num período de maior debilidade financeira. Detesta estar parada e sentada. E quando o Parkinson parecia estar a esmorecer a sua vontade férrea, eis que volta a não se conformar com o determinismo das comorbidades de que padece. Assim é Carlota Costa, que parece transformar, todos os dias, as suas fraquezas em novas forças.



Alexandre Homem Cristo

A Pandemia e as Desigualdades na Educação



"As desigualdades na educação não foram introduzidas pela pandemia, mas foram por ela severamente ampliadas. Assim, se eram já muitos alunos a ficar para trás, a partir de agora serão muitos mais. E, pela mesma ordem de ideias, se esse era o calcanhar de Aquiles do sistema educativo, é legítimo defender que tenha ascendido agora à sua principal prioridade.

Comecemos pelo princípio e pelo pressuposto que tem de estar na base desta reflexão: a escola é o elevador que permite ascensão social. Dizê-lo não é ceder a um qualquer ideal romântico, mesmo que a inconsequência dos discursos políticos (que tanto repetem esta ideia) o sugira. Dizê-lo é apenas manter em vista o papel do sistema educativo enquanto política pública: proporcionar um acesso universal à educação, sim, mas também garantir que esta consegue oferecer uma formação de qualidade e com respostas à medida das necessidades de cada aluno – em particular, proporcionando às crianças das franjas mais frágeis da população a obtenção de instrumentos intelectuais com os quais possam ambicionar um futuro melhor, mais feliz e mais livre. Ora, o nosso elevador social da educação está avariado. Não implica isto que não funcione de todo – felizmente, temos evidências de melhorias na aprendizagem, incluindo entre os jovens mais pobres. Mas implica que esse elevador sobe de forma lenta e intermitente, frustrando as expectativas de tantos.

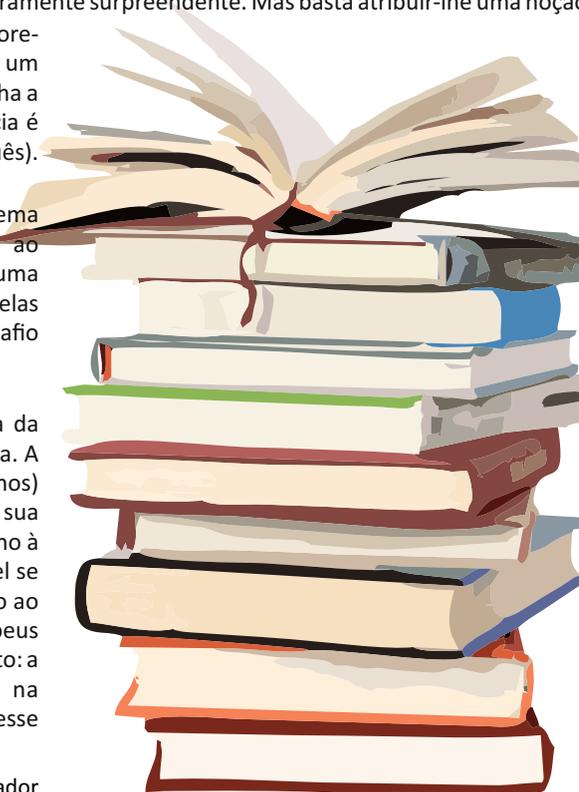
Portugal é, na OCDE, o país onde se observa menor mobilidade social na educação. O que isto quer dizer é simples: muito mais do que em outros países, em Portugal prevalece uma relação fortíssima entre o perfil socioeconómico das famílias e a probabilidade de sucesso escolar dos seus filhos – um aluno com pais licenciados tenderá a valorizar a escola e obter sucesso escolar, um aluno com pais pouco qualificados tenderá a cair no insucesso escolar. É esse elo que compete às escolas e ao sistema educativo quebrar, de modo a que as desigualdades sociais à entrada da escola não sejam as mesmas desigualdades de resultados educativos à saída. Infelizmente, não o têm conseguido com a eficácia desejada.

Quem procurar evidências desse fracasso encontrará nas reprovações um exemplo inequívoco. Os alunos que mais chumbam na escola são os que apresentam um baixo perfil socioeconómico. Basta verificar os dados oficiais para o confirmar: no 7.º ano, as negativas a matemática atingiram 51% dos alunos com Acção Social Escolar escalão A (os mais desfavorecidos), 39% dos do escalão B e 25% dos restantes alunos – uma desigualdade social nos resultados que se confirma em todas as disciplinas. Sabendo que existe uma relação entre perfil socioeconómico e sucesso escolar, reconheça-se que nada disto é verdadeiramente surpreendente. Mas basta atribuir-lhe uma noção de escala para se tornar chocante: em Portugal, um aluno socialmente desfavorecido tem (praticamente) quatro vezes maior probabilidade de reprovar do que um aluno com perfil socioeconómico mais elevado. No plano europeu, só em Espanha a situação é mais negativa do que em Portugal. Nos restantes países, a tendência é para que a probabilidade seja o dobro (em vez de o quádruplo do caso português).

Este enquadramento sobre as desigualdades já presentes no sistema educativo português é fundamental para lançar qualquer reflexão relativa ao impacto da pandemia de Covid-19 nas desigualdades de aprendizagem. Por uma razão simples. É que as desigualdades agora geradas não são conjunturais – elas somam-se às existentes e agravam aquele que é actualmente o maior desafio estrutural do sistema educativo: a desigualdade de oportunidades.

Quando, em Março de 2020, as escolas fecharam portas por causa da pandemia de Covid-19, substituiu-se o ensino presencial pelo ensino a distância. A única excepção foi atribuída aos alunos do ensino secundário (11.º e 12.º anos) inscritos para realização de exames nacionais e estritamente relacionada com a sua preparação. Assim, do 1.º ao 10.º ano, os alunos ficaram condicionados ao ensino à distância desde Março até ao final do ano lectivo 2019-2020. É, claro, discutível se haveria condições para outras soluções, nomeadamente optar por um regresso ao ensino presencial ainda no decorrer do ano lectivo, conforme vários países europeus procuraram fazer. O que é indiscutível, tendo por base a investigação na área, é isto: a ausência de ensino presencial causa um impacto negativo significativo na aprendizagem dos alunos, em particular nos com maiores dificuldades, e que esse dano será tanto maior quanto mais longa for a sua ausência."

In Observador





Sara Freitas

Docente na Escola Secundária de Fafe

Ler, saber ler e, principalmente, adquirir conhecimentos sabendo retirar ilações das leituras efetuadas, são fatores fundamentais para o desenvolvimento de uma sociedade, da nossa sociedade. A leitura é uma competência (skill) fundamental para um cidadão dinâmico, interventivo, com espírito crítico e reivindicativo.

Ler porquê?

Efetivamente, a leitura ensina, informa e forma prazerosamente, isto é, podemos-nos deliciar com a leitura de um livro e ao mesmo tempo aprender, juntando o útil ao agradável. A leitura desperta o gosto, estimula a imaginação e a curiosidade. Quanto mais lemos, mais vontade temos de o fazer, tornando-se até, em certos casos, viciante. É, sem dúvida, um dos vícios mais saudáveis da vida! À medida que a prática da leitura se sedimenta, torna-se um prazer, o leitor aprende a desfrutar da leitura, reflete sobre a validade e adequação das ideias, associando e/ou comparando-as com experiências e leituras anteriores e, fundamentalmente, formula juízos de valor sobre os significados apreendidos.

É preciso desconstruir aquela ideia de que ler é um hábito chato e monótono. Ao contrário do que muitas pessoas acreditam, ler revistas, sítios, BD, livros de romance, entre outras leituras de entretenimento, é tão eficaz quanto ler um livro técnico. A diferença é que ler sobre algo técnico oferece-nos conhecimento sobre aquele determinado assunto, enquanto ler sobre variedades estimula o raciocínio e melhora o vocabulário e, conseqüentemente, a escrita, uma vez que aumenta os conhecimentos (background). A leitura possibilita o acesso a vários tipos de texto, vários autores e diferentes estilos de escrita.

José Saramago, prémio Nobel da Literatura, diz que "É preciso sair da ilha para ver a ilha. Não nos vemos se não saímos de nós" e a leitura é uma excelente forma de autoconhecimento, permite-nos sair de nós próprios, do nosso "mundinho". Só conseguimos ver que há uma ilha quando assistimos à história de fora, quando vemos todos os personagens e cenários, quando percebemos que temos participação ativa nessa história e que somos, na verdade, os seus protagonistas. Que temos o nosso papel e que podemos e devemos assumir o controlo da nossa embarcação, da nossa vida, da nossa ilha desconhecida.

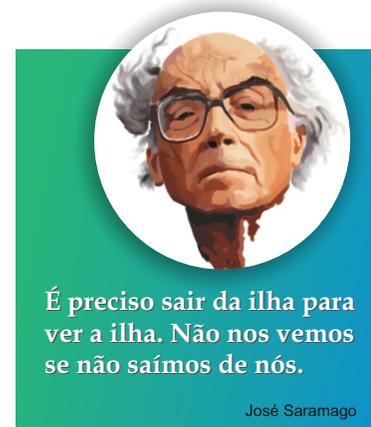
Então, a leitura transporta-nos para o universo do livro que folheamos, proporcionando-nos novas vivências, diferentes sensações, leva-nos para o mundo do sonho e da fantasia, dá-nos informação, conhecimentos, enriquece-nos! É tão bom tatear um livro, folheá-lo, sentir o aroma que emana do seu interior apelando à leitura!

De acordo com um estudo da Marktest, mais de 2.3 milhões de indivíduos do Continente com 15 e mais anos, leram livros no último mês. Este valor corresponde a 28% do universo em análise. Observa-se também que os hábitos de leitura estão mais presentes na população mais jovem (46.6% dos indivíduos entre os 15 e os 17 anos e 43.3% dos indivíduos entre os 18 e os 24 anos leram livros no último mês). Uma análise do perfil dos jovens revela-nos um grupo de indivíduos com ocupação maioritariamente de estudante e adeptos das novas tecnologias: 81.5% utiliza telemóvel e têm consumos importantes de Internet, 59,9% são mulheres e 48.7% têm menos de 35 anos. Em comparação com os restantes 40 países analisados pelo estudo, Portugal encontra-se a meio da tabela, sendo que 65% dos inquiridos admitiu ter comprado um livro durante o último ano.

De facto, segundo este estudo, estamos muito longe do ideal, isto é, de ter uma população jovem com hábitos efetivos de leitura, visto que adquirir um livro, não significa lê-lo, saboreá-lo, deleitar-se a mergulhar no seu interior e viajar com ele.

No entanto, não há, como comumente se pensa, uma ligação antagónica entre as novas tecnologias e a leitura, que essas iriam retirar tempo à leitura. Constatamos que os jovens que mais usam as tecnologias são também os que mais leem e os e-books ficam menos dispendiosos que em formato físico (que devem escolher), logo estes dois mundos não têm de ser opostos, mas complementares.

Assim, leiam, leiam, deleitem-se a ler, aproveitem o tempo que ainda resta até ao estudo intensivo para ler prazerosamente, seja em suporte digital ou em papel, o essencial é que leiam, leiam... MUITO! _____ Sara Freitas



É preciso sair da ilha para ver a ilha. Não nos vemos se não saímos de nós.

José Saramago



rubrica

da nossa janela...



O Cancro e a Medicina de Precisão

A matemática é uma ciência exacta, e diante dos números que os estudos científicos sobre o cancro nos mostram, concluímos que esta é, de facto, uma doença assustadora.

O primeiro impulso é fugir da informação e até há quem, mantendo um hábito de há duas ou três gerações, nem o chame pelo nome, referindo-se à doença como "uma coisa má". E por mais que os tempos mudem e a ciência avance, quase ninguém olha serenamente para os actuais números do cancro em todo o mundo.

Queremos que se mantenham longe, mas as doenças oncológicas são cada vez mais frequentes e, quem sabe, próximas. A verdade é que quase toda a gente lida, ou já lidou, com um cancro, seja directamente ou enquanto cuidador, amigo ou familiar.

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), em 2018, registaram-se, em todo o mundo, 18 milhões de novos casos, sendo 23,4% na Europa. Morreram 10 milhões de pessoas no planeta, vítimas desta patologia. Em 2030, se medidas efectivas não forem tomadas, haverá 26 milhões de novos casos e 17 milhões de mortes por ano.

Em Portugal, é a segunda causa de morte e a sua incidência aumenta, em média, cerca de 3% por ano, e pode acontecer na vida de qualquer pessoa. Qualquer um está sujeito a desenvolver a doença, seja por causas geneticamente pré-determinadas, por causas ambientais ou, ainda, por costumes e hábitos, como fumar ou expor-se ao sol sem protecção.

Os cancros mais comuns são o do pulmão e da mama, seguidos de perto pelo do cólon e o da próstata. Mas esta doença pode atingir qualquer órgão, sendo que alguns, como o de fígado, pâncreas e ovário, são quase sempre mortais. Nestes casos, a expectativa de vida raramente ultrapassa os 5 anos, sendo que alguns - o do pâncreas, por exemplo - não costumam deixar o paciente viver muito mais do que 6 meses. Uma das razões é que este tipo de cancro raramente dá sinais e, regra geral, só é detectado em estágios avançados da doença - quando combatê-la é muito difícil e as curas são tidas como autênticos milagres.

Mas a ciência tem evoluído e, segundo um estudo publicado na revista Lancet, a taxa de sobrevivência ao cancro está a aumentar no mundo, mesmo nos tipos de cancros mais mortíferos e as boas notícias não se ficam por aqui, pois embora a doença continue a proliferar, a probabilidade de cura é cada vez maior. Os estudos indicam que 30% a 50% dos casos podem ser evitados através de hábitos saudáveis. Não é por acaso que governos de todo o mundo financiam campanhas a favor dos estilos de vida saudável. E o aumento de pessoas que se dedicam a cultivar bons hábitos é notório. No tempo dos nossos avós, não se falava do assunto, o tabaco era para adultos e ninguém reparava que as crianças fumavam passivamente, e a prática de exercício era mesmo só para quem gostava de desporto. Hoje, os ginásios estão cheios e os cigarros são proibidos na maior parte dos espaços públicos.

No tratamento da doença a quimioterapia é a tecnologia mais usada utilizando medicamentos extremamente potentes no combate que destrói ou inibe o crescimento das células doentes. Todavia, também danifica as células saudáveis, ou seja, interfere em outras funções fisiológicas fundamentais dos pacientes, causando efeitos colaterais no seu caminho.

Há dezassete anos, o "Projecto Genoma Humano" sequenciou e mapeou o nosso genoma o que permitiu um grande salto para a "**medicina de precisão**", tendo em conta não só as diferenças individuais nos genes de cada paciente, como também diferenças ambientais e de estilos de vida.

Antes, os tratamentos médicos previstos tinham em conta o paciente médio. Todavia, por questões fundamentalmente genéticas, nem todo paciente reage a um tratamento médico da mesma forma.

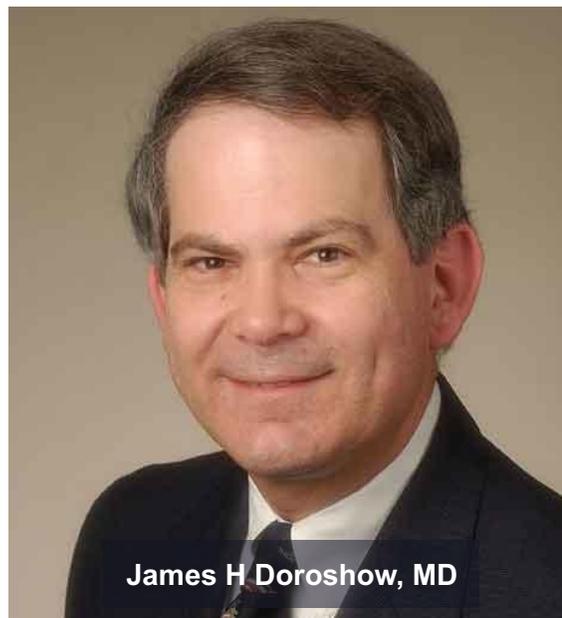
Os avanços em termos de **medicina de precisão** já permitiram importantes descobertas e vários tratamentos novos que foram estabelecidos em função das características dos pacientes e **em função das mutações específicas do tumor** e não de acordo com o tipo de cancro.

Todavia ainda existe um problema tendo em conta que se pode levar semanas ou até meses para sequenciar o ADN de uma pessoa, e, depois, semanas ou meses para a análise.

Como são utilizados algoritmos complexos para analisar sequências inteiras de ADN e descobrir a natureza da enfermidade, pode levar-se muito tempo para liberação dos laudos genéticos.

Mas à medida que mais e mais genomas do cancro e de outras doenças sejam sequenciados. "Estaremos diante de uma enorme quantidade de dados continuamente sendo gerada. Nós precisamos compartilhar esses dados de uma forma que nos permita, em tempo hábil, decifrar o que eles estão tentando nos dizer. Precisamos de dados compartilhados de forma que acelere a nossa capacidade de fazer análises e prescrever tratamentos. Precisamos de um futuro em que isso se torne muito comum."

extrato de dois artigos de "Futuro das Coisas"



James H Doroshov, MD

Investigador e Director do Ramo de Desenvolvimento Terapêutico da Divisão de Tratamento e Diagnóstico do Cancro nos EU





rubrica

cidadania

Sebastião de Sousa e Silva

Uma vida dedicada às actividades da Paróquia de Polvoreira



Sebastião de Sousa e Silva, nasceu em Braga, em Sequeira, filho de um operário lavrista e duma mãe, trabalhadora rural. Residente junto da Igreja, desde criança que esteve ligado à actividade paroquial.

Recorda o moço de recados que foi, de dois párocos de Sequeira, o Padre Jorge Pais dos Santos, natural de Rates e outro, D. Américo de Couto Oliveira, natural de Guimarães que foi, mais tarde, Bispo de Lamego.

Aos 16 anos, inicia-se, talvez por influência de um irmão mais velho, entre nós conhecido como João de Braga, um dos primeiros operadores da Gráfica Minhot, nos trabalhos das artes gráficas. Vem morar para Covas, para casa do irmão, junto da Portela dos Remédios.

Nos anos cinquenta do século passado, as actividades gráficas eram quase inexistentes em Guimarães, limitadas apenas às praticadas nas Oficinas de S. José. Por isso, quando aquela actividade se tornou mais efectiva no nosso concelho, os operadores tipográficos eram recrutados em Braga, onde aquela actividade era intensa dado constituir a sede do patriarcado e acolher os centros de ensino eclesiásticos, e não só, de todo o Alto Minho.

Iniciou-se na Tipografia Operários Vimaraneses, em Janeiro de 1956 e, decorridos seis meses, morreu-lhe o pai. Naturalmente, sendo menor, foi necessário nomear um tutor, neste caso, um cunhado seu.

Em 1958, torna-se um dos seus primeiros operadores na criação da Gráfica Covense, empresa fundada por Manuel Henriques de Matos, também natural de Braga, e Joaquim Pedro, comerciante, mais conhecido como o "Revolve", que instalaram as suas oficinas na Rua das Cerdeirinhas, num edifício deixado vago pelo João Silva, apelidado de "O Alfinete", que rumara para a Póvoa de Varzim,. Por coincidência, aquele edifício, hoje habitacional, fica em frente à casa que actualmente é o seu lar.

Durante os primeiros anos de habitante na freguesia, manteve-se relativamente afastado da sua actividade religiosa. Mas no ano de 1960, o irmão, o João de Braga, integra, como secretário, a Confraria do Santíssimo Sacramento, organizadora das festas do Santíssimo e, por isso, mesmo indirectamente, torna-se mais participativo naquela actividade. De tal forma que, decorridos os três anos de mandato, o Sebastião, como é comumente conhecido, foi convidado para, no triénio seguinte, que decorreu de 1963 a 1966, substituir o irmão no cargo de secretário daquela Confraria de que faziam parte também o Fernando, da Quinta do Souto e o Manuel Freitas, do Paço, entre outros.

Entretanto, casa, em 1964, com Maria de La-Salette Abreu, oriunda de uma família tradicionalmente muito ligada à Igreja consolidando assim a sua ligação à paróquia que adoptara como sua.

Em 1980, por convite de João de Freitas, vizinho da residência paroquial e sineiro na Igreja, decidiram organizar as festas do dia de S. Pedro, o padroeiro da Paróquia de Polvoreira. Foi constituído um grupo de trabalho muito basto. Para além do referido João Freitas, nela se incorporaram também o Manuel

Oliveira, conhecido como o Manuel "Sala" que ocupou as funções de tesoureiro, o industrial Francisco Silva como o suporte do grupo e o irmão deste, o Manuel Silva, conhecido como o "Matador" que morava na Ponte. Isto sem esquecer o Costa de Trigais que trabalhava no distribuidor de energia de então, o "Jordão", e que foi o responsável pela iluminação, obrigando com isso a que fosse instalado, sem despesas para a paróquia, um contador com potência suficiente para suportar tamanha carga.

O êxito das primeiras festas foi, dir-se-ia, estrondoso. Um emigrante, figura conhecido dos Carvalhos, "O Carvalhal", emigrado em França, de férias em Portugal, de tão entusiasmado, patrocinou, desde logo, um andor com "capela" para o S. Pedro, para as festas do ano seguinte. Feitas as contas, no final, o Manel "Sala" viu sobrar uma avultada quantia de dinheiro e decidiram aplicá-lo em obras na Igreja.

Desde logo nos sinos, dois dos quais estavam inactivos, há anos, devido ao apodrecimento da madeira que os sustentava. Na porta da sacristia já esquartejada e por onde entrava a chuva e o pó. Nas guarnições das escadas para o coro que eram constituída por quatro ferros e dois arames. No alçapão do sineiro, também apodrecido, um perigo eminente para o seu utilizador.

Meteram mãos à obra. O Manel Silva que, para além de matador de porcos, era carpinteiro e ramadista e conhecia muitas propriedades da região, deu conta que para os lados da Senhora do Monte, em Nespereira, havia uma madeira antiga de sobreiro e de oliveira, madeira bastante resistente que seria apropriado para a reparação dos sinos. O Sebastião, acompanhado do "Matador" para lá se dirigiram e, após uma boa conversa, sempre conseguiram que o lavrador fizesse oferta daquele madeirame todo que guardara durante anos. Faltava o transporte e esse foi encontrado numa carrinha aberta do António Araújo, o titular da drogaria dos Carvalhos, e, também ele, um cidadão sempre pronto a cumprir os seus deveres de cidadania.

No final, a igreja ficou com os sinos todos reparados, todos a tocar, a porta da sacristia e a porta lateral devidamente funcionais, pintadas de verde, com um gradeamento seguro para as escadas, pintado de prateado, e o alçapão do sineiro com totais garantias de operacionalidade.





rubrica

os nossos colaboradores



Diário de Teresa Gil

Contin., Capítulo VIII

**Teresa de Leão,
Rainha de Portugal**



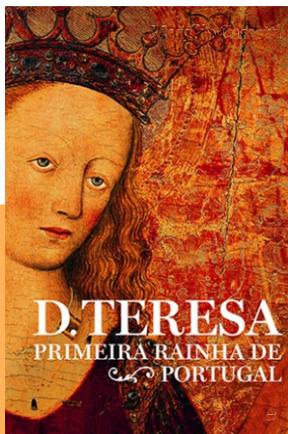
Teresa Gil fica chocada quando ouve que sua antepassada, Teresa de Leão, tinha rogado uma praga a seu próprio filho, Afonso Henriques, e decide investigar a vida de Teresa de Leão!

“Não, não pode ser verdade! Teresa não podia ter rogado uma praga ao filho, como, por vezes, se comentava nos serões quando se recordavam as peripécias da batalha de S. Mamede e se ridicularizavam os galegos comandados pelos Trava que fugiram com o rabinho recolhido entre pernas! Cochichava-se, mesmo, que teriam sido amantes dela. Isso para mim era o menos. Agora virar-se para o filho e dizer-lhe – “rogo a Deus que preso sejas, assim como eu estou, e porque me meteste nos pés ferros, quebradas com ferros sejam as tuas pernas também”- e isso tenha levado ao acontecimento de Badajoz, em 1169, faz-me pensar que ela teria pacto com o mafarrico.

Não. Não pode ter acontecido! Não sinto sangue ruim a correr-me nas veias. Tenho de saber bem quem foi Teresa de Leão, a titular do Condado Portucalense que o recebeu em dote de seu pai Afonso VI, autoproclamado imperador da Hispânia e que, afinal, feitas as contas, foi meu hexavô.

O mundo ainda é mais pequeno do que eu pensava. Jerusalém deve ficar mesmo ali, ao pé das Baleares, onde morreu o Infante Pedro Sanches que, afinal, sendo bisneto da minha pentavó, Teresa de Leão, é também meu familiar directo. Por isso o meu pentavô, o Conde D. Henrique foi lá, a Jerusalém, em peregrinação!

Amanhã mesmo, vou falar com Yehuda ben Moshe, que para além de médico do rei é escritor e tradutor, ou com o seu colaborador, o diácono Álvaro de Oviedo, para saber onde poderei procurar documentos que me elucidem da verdade. Vou-lhe pedir para que me traduzam os documentos que eu sei estão a recolher para escreverem a História que Afonso X ordenou escrevessem e que fazem referência à história de Teresa, a minha pentavó.



Pequena Biografia de Teresa de Leão

Os documentos que assinalam a história de Teresa de Leão a mãe do primeiro Rei de Portugal, que, dizem, se autointitulou rainha, são um pouco contraditórios.

Vou tentar descrevê-la de maneira sucinta e tanto quanto mo permitem os documentos que Yehuda bem Mosé e Álvaro de Oviedo colocaram à minha disposição.

A primeira conclusão que tirei foi que, afinal, antes de Afonso Henriques se ter auto proclamado rei de Portugal, já sua mãe o havia feito 16 anos antes. Mas, como diz o tratador dos cavalos de meu honrado pai, não coloquemos a carroça à frente dos bois.

Segundo a Crónica Albedense, Teresa de Leão era descendente de Bracarense, uma mulher que teria sido rainha das Astúrias, o primeiro reino cristão da Península, após a reconquista cristã, também conhecida por Creusa de Braga, casada com Mauregato, neto de Pelágio que, em 722, tinha derrotado, pela primeira vez, os mouros em Covadonga.

Foi talvez esta tomada de consciência da grandeza dos seus antepassados e da importância que as mulheres portucalenses tiveram na gestão do nosso território que fizeram dela uma mulher ambiciosa.

Naquele tempo, o reino das Astúrias tinha estendido o seu domínio territorial às regiões de entre Douro e Minho expandindo mesmo os seus limites até Coimbra.

Devido às dificuldades de governar tamanho território, em 910, Afonso III, a quem denominaram o Grande, viu, ao morrer, o seu território ser dividido pelos seus três filhos. Fruela ficou com as Astúrias, Ordonho com a Galiza e Garcia com o Reino de Leão.

Ora Ordonho casou, mesmo antes de ser rei da Galiza, com Elvira Mendes, filha de Hermenegildo Guterres, conquistador de Coimbra e presor desse território a partir de 878. Aliás fiquei a saber que essa Elvira era irmã de Gudilona Mendes, a esposa de Lucídio Peres, 2º Conde de Vimaranes sucedendo a seu pai, o fundador daquela vila, Vímara Peres.

Na verdade, foi por essa altura que, contrariamente ao que havia acontecido no passado, estes territórios conquistados à moirama passaram a ser de administração hereditária. Todavia, embora administrativamente divididos, os laços sanguíneos mantinham-se e ora eram reinos independentes ora eram subordinados uns aos outros consoante a importância ou a ambição de quem tinha mais poder. Assim, quando morre Garcia, Rei de Leão, sem deixar descendentes masculinos que lhe sucedessem no trono de Leão, é Ordonho II que assume o trono e une de novo os dois reinos.

E assim surge, pela primeira vez, na então Capital do Reino, Leão, uma mulher da estirpe portucalense, nascida em Coimbra, de nome Elvira Mendes, minha antepassada!

Nuno A.P.O.E. de Abreu



info

paróquia

O Papa Francisco e as 15 doenças de que membros da Igreja padecem



O Papa Francisco cativou o mundo com sua simplicidade, seu carisma e seu sorriso. Mesmo os não católicos e até ateus reverenciam a originalidade e a bondade deste homem único e interessante.

Apesar de homem vivo, perspicaz, culto, poliglota, de raciocínio rápido, é, ao mesmo tempo, um homem simples, sorridente, acessível, simpático, cativante.

Mas o Papa Francisco ganhou prestígio dentro e fora da Igreja pela coragem que demonstrou ao olhar para dentro dela e apontar publicamente os pecados de alguns dos seus membros.

Em tempos, elencou as 15 doenças de que padeciam muitos dos membros da Igreja, titulares do poder e apontou o seu possível tratamento.

É talvez oportuno recordar aqui algumas das doença apontados para que eventuais pacientes iniciem o tratamento antes que tais maleitas matem a fé dos crentes e estes abandonem a Igreja deixando os espaços religiosos às moscas.

A primeira, e talvez a mais danosa, é o mundanismo, o exibicionismo e a vaidade de alguns clérigos que pensam ser imortais e indispensáveis. "Incapazes de fazerem uma autocrítica", diz o Papa Francisco, "têm a patologia do poder, o complexo dos eleitos e querem ser os donos de tudo", esquecendo-se que têm por missão ESTAR AO SERVIÇO de todos.

Uma outra doença apontada pelo Papa Francisco que diz ser comum a muitos sacerdotes é a do "Alzheimer espiritual". São aqueles que "perderam a memória do seu encontro com o Senhor". Vivem apenas intensamente o presente, com as suas paixões, os seus caprichos, as suas manias. "São verdadeiramente escravos dos ídolos esculpidos por si próprios". A isto acresce uma vaidade incontida, preocupados apenas com a sua própria aparência, com a cor da sua roupa, com as insígnias de honra, com a imponência da viatura em que se transportam.

Sem espaço para mais, recordemos aqui, apenas, mais uma doença apontada pelo Papa Francisco: "a perda de sensibilidade humana". Sacerdotes que assumem apenas as suas funções burocráticas, que procuram somente o exercício do poder, através da gestão de instituições e transformam-se em "corações de pedra", sem alma e sem espiritualidade.

A Celebração Eucarística em Polvoreira em tempos de pandemia



JANELA DA SAUDADE

FALECEU


 D. M. Umbelina
 Machado Coelho local
 R. Com. Faria Leite Brandão
 Polvoreira, Guimarães




Memorial

AGÊNCIA FUNERÁRIA SÃO PEDRO DE POLVOREIRA, LDA.



☎ 253 523 580 📞 966 037 910
 253 524 057 📞 966 618 931
funerariasaoopedro@sapo.pt



Saúde e Alegria para os Idosos dos nossos Lares



CAFÉ RIO
RESTAURANTE



253 523 841
936 806 682
934 801 904

FRANGO À RIO
POR RESERVA E
OUTROS PRATOS

R.Cmte. João de Paiva Faria Leite Brandão, 233
4835 - 192, Polvoreira, Guimarães



Est. 1960
FRANCISCO TEIXEIRA
DISTRIBUIDOR AUTORIZADO
931 604 572

COMPRO E VENDO
EQUIPAMENTOS USADOS

FRANCISCO TEIXEIRA
NEGÓCIOS

Polvoreira - Guimarães
931 604 572
franciscoteixeiranegocios@gmail.com



VITÓRIA S.C.

Talho Oliveira

Rua das Oliveiras - Polvoreira - GMR
TLF: 253 524 010 - TLM: 917 537 242



RESTAURANTE
TREVO
GUIMARÃES




Rua Cmte. João de Paiva Faria Leite Brandão, 2005
Polvoreira - Guimarães
253 522 372



CASA DOS BOMBOS ALVES
José Manuel Salgado Alves

Rua N.º Snr.ª de Fátima, 524
Polvoreira, Guimarães 962 930 407

O Pontido -
- Café Snack Bar, Lda



Largo Campo da Casa Nova 48,
4835-144, Polvoreira, Guimarães
253 523 136

Café Areal




Rua Ribeiro da Ponte, 530
Polvoreira - Guimarães
253 522 444

paulocar



Estrada Nacional 105, n.º 1531
Polvoreira, Guimarães
932 665 701



Filipe Abreu
Mediador Exclusivo

filipeabreu@meo.pt
T. +351 253 464 888
M. +351 916 987 933

Rua António Costa Guimarães, 2861
4810-491, Urgezes, Guimarães
fidelidade.pt

VIMAPONTO

TECNOLOGIAS
ESTRATÉGICAS

Sonhe, nós
desenvolvemos!

Equipamentos e Serviços de
Informática, S.A.

Rua dos Estoleiros N.º304, Polvoreira
4835 - 163 Guimarães

Telf: (+351) 253 424 570
Fax: (+351) 253 514 704

E-mail: geral@vimaponto.pt

Apoie as associações
de Polvoreira!

SINCRONIDEIA
Data Privacy & Security

SINCRONIDEIA - Informática, Lda.

Rua dos Estoleiros N.º304, Polvoreira
4835 - 163 Guimarães

Telf: (+351) 253 036 727
geral@sincronideia.pt



CliHotel
de Guimarães

253 424 400
E.N. 105, n.º 787 - 4835-164, Guimarães

